

A identidade de um certo olhar infantil

Maria Lúcia Dal Farra

Com exceção de "Dina", que é em terceira pessoa, os restantes seis contos de Nós matamos o Cão Tinhoso do moçambicano Luís Bernardo Honwana¹ são filtrados ora pelo olhar de um narrador-personagem criança, ora pela visão mais adulta desse mesmo narrador. Digo mesmo narrador porque, embora outro, a sua condição é sempre igual, a de ser tomado, apesar de tudo, como um eterno pequenino, já que as coordenadas sociais que o envolvem enquanto colonizado procuram impedir nele, seja como personagem, seja como narrador, o exercício de sua maturidade social.

A flagrante desta circunstância de interdição do crescimento moral e seus corolários está claramente exposto na figura do negro de "A Velhota" e vale para as outras situações. Aí, é justamente a responsabilidade de filho mais velho, de arrimo da família, portanto, é a consciência adulta que, contraditoriamente, proíbe que o

Maria Lúcia Dal Farra é professora do Departamento de Teoria Literária do IEL - UNICAMP.

narrador-personagem se faça respeitar como ser humano. Ele se deixa agredir, ele permite ser ridicularizado e tomado como medroso pela simples razão de que tem a preservar o seu ganha-pão. Em "Dina", o mesmo se passa. Ultrajado em sua honra, o negro Madala se cala e se vê obrigado a engolir, no trago do vinho oferecido pelo seu capataz e agressor, o próprio orgulho.

Eis como a covardia percorre, no livro, o trajeto de sinônimo de sabedoria e de instinto de sobrevivência. Entretanto, jamais haverá para esta forma de comportamento uma remissão. Como se diz em "Papá, cobra e eu", aquele que se torna manso morre um pouco cada dia. Por outro lado, também a revolta solitária não abre saída: ao cavalo doido "dá-se-lhe um tiro e tudo acaba".

Tanto é assim que mesmo a aquele que, sem desafiar o colonizador, tenta somente se alçar à altura deste, se reserva a morte. É o caso de Vírgula Oito de "Nhinguitimo" que, por cultivar uma machamba própria (um campo de lavoura), é caçado como inimigo feroz. A explicação oficial mais apaziguadora é a de que ele enlouqueceu: "Homens! Peguem em armas e vamos abater esse negro antes que ele mate mais gente!"

Mas então, como narrar esta realidade de constrangimento absoluto, como recuperar esta dignidade solapada senão adotando estrategicamente o ponto de vista de um narrador-criança que denuncie, através de uma ingenuidade comovente, aquilo a que são obrigados os maiores de idade? Não é à toa que em todos os contos de Nós mata-

mos o Cão Tinhoso o páthos seja mantido em altíssima in tensidade e que o autor o regule com a finalidade de atingir diretamente o leitor, solicitando-lhe a interpre tação que as crianças, pelas suas limitações de experiên cia real, são incapazes de dar.

Em "As mãos dos pretos" é um narrador- criança quem nos impele a descobrir, através de uma mes ma pergunta obsessiva a diferentes pessoas da sua hierar quia infantil, porque as palmas das mãos dos negros são iguais às dos brancos. O leitor colhe, dentre todas as respostas, a de que Deus quis mostrar com isso que "o que os homens fazem é feito por mãos iguais, mãos de pes soas que, se tiverem juízo, sabem que antes de serem qualquer outra coisa são homens".

O "Inventário de imóveis e jacentes" é um flash noturno descrito também por uma criança mestiça . Seu monólogo passeia pelo apertado da casa onde moram oi to pessoas, pelo clima asfixiante em que dorme a família pois que a minguada habitação vive hermeticamente fecha da. Ele ignora a causa da prisão do pai, inválido no lei to desde então, e refere lateralmente o lugar que ocupam, ao lado dos outros objetos domésticos, os livros hoje imóveis do pai. É assim que tudo jaz lá dentro.

Mas é no conto-título que o phátos atinge, propositadamente, um limite quase insuportável para o leitor. A personagem que, na sua ronda vagabunda e capen ga pela vila africana, guia o narrador pelas deambula ções da estória, é um velho cão empestado: para ele se

dirige a mira que detonará o crime.

Não fosse ainda esta perseguição - aliás , puramente narrativa, pois que o cão nem sequer se esconde, o que torna tudo mais inquietante -, a atmosfera patética se dilata pela mudez da vítima. Não se sabe o que ele percebe e o que não percebe da trama que se arma à sua volta e se fecha sobre ele situando-o no alvo. Não se pode apostar nem mesmo no seu impulso animal. Avariado pelos anos, seu instinto nos engana e ora o conduz a manifestar imensa confiança nos seus já futuros algozes, ora tudo adivinha, impossibilitado, contudo, de lhe cavar uma fresta para a fuga.

Rodeiam esta incapacidade central outras mais. A aliada do Tinhoso, a Isaura, a única de todos os moleques da escola a dividir com ele lanches, carinhos e segredos, é inabilitada para lhe oferecer qualquer prêmio, salvo o do afeto e dos gritos: Isaura é "maluquinha", é uma criança excepcional. O narrador-personagem, então, é um menino da quarta classe. Seu olhar infantil e, sobretudo, sua boa fé e ingenuidade dotam-no de uma incompetência que em tudo é semelhante à de Isaura e à de Tinhoso . Trata-se de uma mesma deficiência mas, o que é pior, de uma excepcionalidade que se exerce contra seus pares e contra si mesmo, visto que é ignorante das suas próprias limitações de entendimento.

É por esta via que o phátos se adensa e faz tudo explodir nos SGs e nos 3As da Calibre 12 de Dois Canos e da Ponto 22 de Um Tiro, projéteis - e o leitor in

tuirá - não endereçados somente ao cão. Sim, porque a ig
norância não é privilégio dos agenciadores do crime: o
Senhor Administrador e seu coadjuvante, o Doutor da Vete
rinária.

Este assistente político tem uma função am
bígua. Ele é o médico dos animais e é parceiro do Admi
nistrador no sete-e-meio, o que lhe confere, ironicamen
te, uma autoridade de controlador da caça da região. As
tucioso, ele acaba canalizando o pendor lúdico da crian
çada da escola para investi-lo contra o cão. As razões
invocadas são muitas e uma só: as chagas, o mau cheiro, a
velhice escancarada do Tinhoso, a mancha negra e nojenta
que ele borra no cenário asseado da vila. O Doutor quer,
"inocentemente", dar somente "um prazer à malta porque
sei que vocês gostam de dar uns tiritos de vez em quando
e eu não levo a mal".

O cão, entretanto, já começa a se aden
trar no mítico. A meninada conta que ele escapou da guer
ra e da bomba atômica, que percorreu até a vila uma "dis
tância mostra" para não morrer. Tinhoso é, em verdade ,
muito antigo: tem um andar de carroça velha e sua cabeça
faz balanço como a dos bois. Os outros cães o evitam, o
que faz dele, finalmente, um ser especial: seus olhos
azuis, como os de pessoa, estão constantemente na iminên
cia de dizer um não sei o quê.

Quem são as doze crianças que se encarre
gam inseqüentes da execução do pobre animal? São ma
guerres (colonos) e monhês (mestiços de indiano com pre

to), vocábulos adaptados ao vernáculos e, no mínimo, pejorativos. A língua oficial é o português, assim como o são as autoridades, a começar pela professora, sempre a ralhar com Isaura para que lave as mãos que há pouco acariciavam o Tinhoso, sempre a inquerir dos alunos se seus pais não lhes dão educação em casa.

De maneira que aquilo que as crianças, convertidas em instrumentos de uma ordem superior, estranha e arbitrária, matarão no cão será a própria diferença, a própria identidade que elas, como mestiços, expõem a olhos nus diante do colonizador. Disto talvez só o Tinhoso se aperceba. Ele as encara como aliadas, tentando inutilmente indicar a sua cumplicidade no afã com que roça com sofreguidão as pernas dos pequenos carrascos, minutos antes de eles mesmos, inconscientes, se imolarem simbolicamente no indefeso animal.

Graças ao ponto de vista de uma criança, tudo isto se passa sem nenhum entrave e sem nenhuma interpolação mais criteriosa, e o silêncio da puerilidade inocente só é rompido pelo estrondo dos tiros e da fiel execução da ordem vigente.

A inquietação do leitor já caminhou, entretanto, do sobressalto à impotência absoluta, acabrunhado que está por ter sido, pelo ato de leitura, chamado a intervir sem, no entanto, ter podido modificar o rumo dos acontecimentos. Resta-lhe pemitenciar-se por ter sido somente leitor de uma História que lhe permanecerá para sempre indelével na sua experiência concreta de um mundo que

se recusa a ser, a partir de agora, tão longínquo.

NOTAS

1. HONWANA, Luíz Bernardo - Nós matamos o Cão Tinhoso.SP, Ática, 1980. As citações pertencem respectivamente às pp. 62, 96, 77 e 17.